

IMAGEM NO EXTERIOR

O império dos signos em cartaz

Bruna Sola Ramos



Recentemente, fui *atravessada* por uma daquelas experiências com o cinema que nos permitem fruir dimensões de sensibilidade estética cada vez mais *esquecidas*, em tempos que enquadram os modos de ver à lógica do mercado e à instantaneidade do consumo. Em cena, os signos japoneses que, *capturados* com efeito de imagens em movimento no filme *A Partida*(1) , dão conta da riqueza do trato estético para compreensão da morte, ao passo que também se configuram em um tocante elogio à vida. Eles nos contam a história de Daigo Kobayashi, violoncelista que se vê diante da necessidade de recomeçar sua vida profissional ao ser desfeita a orquestra em que trabalha. Acompanhado pela mulher, retorna à sua pequena cidade natal e candidata-se a um anúncio de emprego que julga ser de uma agência de viagens, publicado sob a inscrição “preparar a partida”. Tratava-se, na verdade, de um trabalho como *Nokanshi*, espécie de agente funerário que se ocupa em lavar, vestir e maquiar os cadáveres na presença dos parentes enlutados. Relutante a princípio, por ser um emprego de pouco prestígio social, Daigo acaba por descobrir a arte, a delicada beleza e a importância de seu trabalho pouco convencional. Por entre seus movimentos de resistência e entrega, nos envolve com a *graça* e a rica simbologia do ritual japonês da *partida*, traduzindo em aprendizados sobre a sua própria vida a proximidade com a morte.

As imagens em movimento no filme compõem uma sequência enunciativa aberta à multiplicidade dos sentidos; representações discursivas/simbólicas, em sua natureza própria. Traduzem a força das palavras, dos gestos, da música, das metáforas, do silêncio, do sentir. Na moldura do espaço imagético do cinema, o Japão se vê reverenciado como *império dos signos*, tal como o nomeou Roland Barthes (2007) para dizer da riqueza, da mobilidade e da fascinante sutileza que há em seu vasto mundo de significantes.



Em tempos marcados por uma tendência hegemônica do visual, orientada por um sistema de valores mercantis e utilitaristas impostos, vê-se aqui representado um cinema alternativo à composição *bem de consumo*, contra-hegemônico ao modelo de um sistema de signos (*hollywoodianos!*) que procura se impor, restringindo leituras e possibilidades de sentidos.

Voltando nosso olhar para a educação, é importante assinalarmos que, no interior de uma cultura que encara a produção audiovisual como espetáculo de diversão e entretenimento, o cinema, embora valorizado, ainda não é reconhecido como fonte de conhecimento. De certo, não se trata de escolarizar ou didatizar o cinema, tomado como inovação tecnológica no ensino, mas percebê-lo para além de uma utilização que se preste apenas a “ilustrar”, de maneira lúdica e mais atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (DUARTE, 2002).

A referência ao filme japonês, feita neste espaço cedido à reflexão sobre a *imagem no Brasil*, quer dizer, enfim, do rompimento com modelos estereotipados; de um resgate do cinema como manifestação artística (e não só como dispositivo da indústria cultural), que fecunde e expresse

dimensões da sensibilidade por entre as suas múltiplas linguagens. Olhares e idéias que, postos em imagens em movimento, contribuam para a formação de leitores críticos sem restringir o prazer e a inventividade contidos na experiência estética.

(1)Okuribito/Departures. 2008. Japão. 130 minutos.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. O império dos signos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

sobre o(a) autor(a):

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ; bolsista FAPERJ; integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação.